

Competência em informação como *práxis*: uma opção pela abordagem cartográfica

Gerson Moreira Ramos Junior

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Biblioteconomia, Vitória, ES, Brasil
g.ramosjunior@gmail.com

Marta Leandro da Mata

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Biblioteconomia, Vitória, ES, Brasil
martaleandrodamata@gmail.com

Meri Nadia Marques Gerlin

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Biblioteconomia, Vitória, ES, Brasil
merinadia@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v13.n2.2020.31220>

Recebido/Recibido/Received: 2020-02-27

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2020-04-28

ARTIGOS

Resumo: O presente estudo aborda a Competência em Informação numa perspectiva teórica crítica, visando o desenvolvimento emancipatório dos sujeitos, por meio do conhecimento dos agenciamentos e maquinações que operam para a manutenção de uma estrutura de exploração e dominação via instrumentalização da Razão na relação Indivíduo e Informação. Propondo a competência em informação como *práxis* e o método cartográfico como possibilidade para a construção de uma abordagem crítica. Teve-se como objetivo compreender o Método Cartográfico como opção para o desenvolvimento crítico da Competência em Informação, orientado para a mediação e interações relacionais e ideológicas que são operadas por meio da informação. A pesquisa é caracterizada como bibliográfica, realizando-se uma revisão de literatura acerca da competência em informação e da cartografia; também buscou-se realizar um levantamento bibliográfico por meio do Repositório Institucional do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, constatando-se uma lacuna de produções acadêmicas em Ciência da Informação neste âmbito. Considera-se que este método possibilita uma visão propositiva da realidade e atenta a seus processos construtivos, por via, associativa e transversal, que propicia a Competência em Informação a colocar-se em outros termos na problemática da emancipação na sociedade do século XXI pela via informacional.

Palavras-chave: competência em informação. *Práxis*. Fenomenografia. método cartográfico. emancipação.

Information Literacy as Praxis: an option for the cartographic approach.

Abstract: The present study approaches the Information Literacy in a critical theoretical perspective, aiming at the emancipatory development of the subjects, through the knowledge of the agencies and machinations that operate for the maintenance of a structure of exploration and domination through instrumentalization of the Reason in the relation Individual and Information. Proposing the information literacy as *praxis* and the cartographic method as a possibility for the construction of a critical approach. The objective was to understand the cartographic method as an option for the critical development of Information Literacy, oriented towards mediation and relational and ideological interactions that are

operated through information. The research is characterized as bibliographic, with a literature review about information literacy and cartography; it was also sought to carry out a bibliographic survey through the Institutional Repository of the Brazilian Institute of Information in Science and Technology, finding a gap in academic productions in Information Science in this scope. It is considered that this method allows a propositional view of reality and attentive to its constructive processes, through an associative and transversal way, which allows the Information Literacy to put itself in other terms in the problem of emancipation in XIX century's society through informational.

Keywords: information literacy. praxis. Phenomenography. cartographic method. emancipation.

Alfabetización informacional como praxis: una opción para el enfoque cartográfico

Resumen: El presente estudio aborda la alfabetización informacional en una perspectiva teórica crítica, apuntando al desarrollo emancipatorio de los sujetos, a través del conocimiento de las agencias y maquinaciones que operan para el mantenimiento de una estructura de exploración y dominación a través de la instrumentalización de la Razón en la relación Individual e Información. Proponer la alfabetización informacional como praxis y el método cartográfico como una posibilidad para la construcción de un enfoque crítico. El objetivo era entender el Método Cartográfico como una opción para el desarrollo crítico de la alfabetización informacional, orientado hacia la mediación y las interacciones ideológicas y relacionales que se operan a través de la información. La investigación se caracteriza por ser bibliográfica, con una revisión bibliográfica sobre alfabetización informacional y cartografía; También se buscó realizar una encuesta bibliográfica a través del Repositorio Institucional del Instituto Brasileño de Información en Ciencia y Tecnología, encontrando una brecha en las producciones académicas en Ciencias de la Información en este ámbito. Se considera que este método permite una visión proposicional de la realidad y atento a sus procesos constructivos, a través de una forma asociativa y transversal, que permite a la alfabetización informacional ponerse en otros términos en el problema de la emancipación en la sociedad del siglo XXI a través de informativo.

Palabras clave: competencia en información. praxis. Fenomenografía. método cartográfico. emancipación.

1 Introdução

Nos domínios da Ciência da Informação, vislumbra-se a Competência em Informação numa perspectiva crítica como uma área capaz de formar a criticidade do indivíduo no trato com a informação e voltada para a vida cotidiana - que opera em (com) unidade e, assim sendo, não se aprende sem estarmos atentos a essa noção de construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, o conhecimento está em consonância com um processo de apropriação subjetiva e coletiva com força para fomentar um processo de conscientização, onde os sujeitos deixam de ser manipulados pelos mecanismos do capital, que se coloca acima de sua consciência e seu entendimento.

Nos limites da Competência em Informação o conceito de Fenomenografia presente em Bruce (1999), que entende a fenomenografia como uma abordagem de pesquisa qualitativa que procura interpretar o mundo como é entendido pelos outros, geralmente é usado para que se desenvolva a compreensão de como os fenômenos são vivenciados. A partir de tal concepção torna-se possível uma aproximação da Competência em Informação ao Método Cartográfico, todavia, este, traz consigo um novo desafio:

A cartografia coloca-se o desafio de conduzir a heterotopias: espaços outros, novos mundos, novas paisagens, novas relações, também novas formas de

existência e de subjetividade, novos modos de relação do sujeito consigo mesmo que possibilitem exercício de liberdade – não liberdade como ideal abstrato, posto *a priori*, mas como prática concreta, como linha de fuga. A estratégia cartográfica permite escapar ao decalque, à cópia, à reprodução e à repetição de si mesmo, tornando possível a singularização, a produção de si mesmo a partir de novas estéticas da existência (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 57).

Essa aproximação pode converter-se em uma nova pista a ser explorada pela Competência em Informação, permitindo formar indivíduos capazes de compreender e fazer a leitura das processualidades da produção de informação, assim como identificar como essas relações são necessariamente marcadas por disputas ideológicas, como denuncia a crítica da racionalidade formal e instrumental da civilização moderna, desvelando ao sujeito as relações e intencionalidades que produzem o entrelaçamento dessas linhas que entremeiam a relação Indivíduo e Informação.

A abordagem cartográfica para a Competência em Informação vale-se de conceitos da Teoria Crítica de orientação frankfurtiana¹, instada na crítica à racionalidade moderna que, instrumentalizada pelo capital, pervarve as esferas institucionais da sociedade deslegitimando cosmovisões orientadas pela ação da tradição cultural. A racionalização das relações vitais, a partir de critérios próprios dessa racionalidade, equivale à dominação institucionalizada que enquanto política torna-se irreconhecível e difícil de contrapor. Uma vez que o discurso se torna apologético, essa racionalidade opera na manutenção da dominação invocada por imperativos técnicos.

Identificar os elementos que reforçam os ideais egocêntricos e utilitários da vida mercantilizada e propor novas formas de interação do homem social é papel da Competência em Informação – em sua perspectiva crítica – e deve servir como guia da sociedade visando formas de superar o “consumo da informação”. Por essas razões, o presente artigo busca compreender o método cartográfico como opção para o desenvolvimento da Competência em Informação, orientado para a mediação e interações relacionais e ideológicas que se operam por meio da informação em suas múltiplas formas de estabelecimento, desdobramentos e produção de sentido:

Falamos exclusivamente disto: multiplicidade, linhas, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos

¹ A tradição filosófica da escola de Frankfurt ficou conhecida como Teoria Crítica, que se contrapõe à Teoria Tradicional. Enquanto uma opta por uma dita "neutralidade" em seu uso, a Teoria Crítica considera central, as condições sociopolíticas e econômicas em suas análises e sua *Práxis*, visando à transformação da realidade.

e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 3).

Nessa perspectiva, tem-se uma leitura da aplicação do conceito fenomenografia, apresentado por Bruce (1996) como possibilidade interpretativa à Competência em Informação, ao abrir-se para a subjetividade, o que permite propor o método cartográfico e a perspectiva crítica como caminhos para a Competência em Informação. Assim, o método cartográfico permite a Competência em Informação uma constante reflexão sobre suas práticas na sociedade e como essa sociedade interpreta e ressignifica sua relação com a informação, bem como emancipa-se e supera os engendramentos e agenciamentos produzidos pelo capital, que produzem visões reducionistas e nocivas à relação Indivíduo e Informação.

2 Metodologia

Nessa caminhada, empreendeu-se uma pesquisa bibliográfica, buscando os trabalhos de autores que são referências na temática Competência em informação, tais como: *Information Literacy: princípios, filosofia e prática* (DUDZIAK, 2003); *O Movimento da Competência Informacional: uma perspectiva para o letramento informacional* (CAMPELLO, 2003); *Information Literacy: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior* (HATSCHBACH, 2002); e *Information Literacy: an phenomegraphy*(BRUCE, 1996). Combinou-se essas leituras com as reflexões de autores imbuídos nos estudos cartográficos na perspectiva rizomática de Deleuze e Guattari, referenciados nas obras, *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção da subjetividade* (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009); *A Cartografia como método para as ciências humanas e sociais* (PRADO FILHO; TETI, 2013); *Técnica e Ciência como Ideologia*(HABERMAS, 1968); *Em Defesa da Política* (NOGUEIRA, 2001); e *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* (MORIN, 1921).

Além disso, realizou-se uma busca no Repositório Institucional do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - Ibict (RIDI)². A escolha da referida fonte de informação deve-se à abrangência temporal dos itens recuperados que cobrem os anos de 1973 a 2018, considerando-se também nesse processo de escolha as recentes publicações do corpo docente e discente do Ibict que trabalharam a Competência em Informação numa perspectiva crítica.

²<https://ridi.ibict.br/>

Com a estratégia de busca “Cartografia”, “deleuziana” e “competência em informação”, que tinha como finalidade verificar como estes assuntos se aplicam na produção acadêmica da área da Ciência da Informação, foi utilizado o filtro “resumo ou *abstract*”, recuperou-se 120 itens, entre artigos, teses, dissertações, trabalhos apresentados em eventos e apresentações.

Dentre os materiais encontrados, destaca-se a tese de doutorado “Samba global: o devir-mundo do samba e a potência do carnaval do Rio de Janeiro: análise das redes e conexões do samba e da organização Rizomática do conhecimento no mundo, a partir do método da cartografia e da organização Rizomática do conhecimento” (MIRANDA, 2015). Embora a tese não trate de Competência em Informação, sua proposta de aplicação rizomática em Ciência da Informação contribuiu na formulação deste artigo defendendo a utilização do método cartográfico como uma via possível à Competência em Informação.

De modo geral, a pesquisa no RIDI demonstrou uma carência de produções acadêmicas em Ciência da Informação com a utilização do Método Cartográfico, bem como acerca da competência em informação e da perspectiva teórica deleuziana. Tal resultado justifica o interesse de pesquisa que se desvela nessa produção, de debruçar-se sobre os caminhos possíveis, a partir, da confluência da Ciência da Informação, em especial, da Competência em Informação e o Método Cartográfico numa perspectiva crítica, tendo por finalidade ser uma contribuição nesse movimento da Competência em Informação em busca de uma abordagem voltada para as subjetividades que se processam no trato com a informação. Nessa processualidade, compreende-se que “[...] um rizoma que não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. [...]. É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 48-49).

3 Sociedade pós-política e dominação

As discussões e críticas a essa razão instrumentalizada pelo capital vivenciadas na contemporaneidade que, exacerbam o poder econômico em detrimento do “Mundo da Vida”³ são necessárias, pois atuam como instrumento de resistência à lógica reducionista e pragmática que se instaura na sociedade e maculam as práticas comunicativas com engendramentos que vão de informação em excesso, desinformação, *fake news*, impactando eventos contemporâneos e provocando instabilidade no Estado Democrático de Direito,

³Esfera do mundo onde as relações humanas acontecem por meio unicamente da interação comunicativa dos cidadãos.

conforme acontecimentos políticos recentes no Reino Unido (referendo do *Brexit*⁴), nos Estados Unidos (eleições presidenciais) e no Brasil (eleições presidenciais).

Nessa sociedade a razão foi diminuída às formas mais práticas de sua atribuição, tornando-se uma racionalidade instrumental, fazendo da vida uma infrutífera rotina de trabalho e consumo, tornando-a uma experiência precarizada que não se problematiza.

A racionalização se crê racional porque constitui um sistema lógico perfeito, fundamentado na dedução ou na indução, mas fundamenta-se em bases mutiladas ou falsas e nega-se à contestação de argumentos e à verificação empírica. A racionalização é fechada, a racionalidade é aberta. A racionalização nutre-se nas mesmas fontes que a racionalidade, mas constitui uma das fontes mais poderosas de erros e ilusões. Dessa maneira, uma doutrina que obedece a um modelo mecanicista e determinista para considerar o mundo não é racional, mas racionalizadora (MORIN, 1999, p. 23).

Assim posto, o saber converte-se em mecanismos tecnicistas de formação de mão de obra, não havendo espaço para o pensamento crítico, orientado para a emancipação e superação do sistema capitalista. Sem possibilidades de contestação, a instrumentalização da vida gera uma ilusória prosperidade material e os discursos de dominação ganham eco também nas classes subjugadas, e como os meios, dinheiro e poder⁵ engendraram-se nos diversos campos da vida social, contribuindo para uma formação cultural, ética e moral voltada exclusivamente para o reconhecimento do poder econômico de vida do mundo contemporâneo.

Boaventura (1985) argumenta que o Estado de Bem-Estar Social⁶ resulta de um compromisso histórico entre as classes trabalhadoras e capitalistas. Tal compromisso foi uma resposta às grandes guerras, lutas sociais violentas e seus desdobramentos, com o estabelecimento de um sistema Comunista na União Soviética capaz de polarizar com o sistema Capitalista e dividir o mundo em zonas de influência no contexto da Guerra Fria. Nesse modelo, o Estado apresenta-se como mediador da relação Capital e Trabalho, convencionando condições em que os capitalistas concedem certa porção de sua autonomia enquanto detentores dos meios de produção e parte dos seus lucros aceitando cargas maiores de tributação, enquanto os trabalhadores renunciam reivindicações mais radicais de transposição

⁴*Brexit* é a abreviação para "*British exit*". Esse é o termo correntemente usado ao se referir sobre a decisão do Reino Unido de deixar a União Européia.

⁵ Componentes da esfera sistêmica da sociedade, considerados inférteis do ponto de vista da interação da vida autônoma, que por sua vez permite ao sujeito, senhor de si, experimentar o outro numa simbiose propiciada unicamente pelo livre exercício da interação através da linguagem.

⁶ Estado do Bem-estar designa que o Estado garanta padrões mínimos de educação, saúde, habitação, renda e seguridade social a todos os cidadãos.

da economia capitalista, via agitação social, greve etc.No entanto, sem uma alternativa ao capitalismo neoliberal - que dia após dia se apresenta como um sistema sem inimigos e sem ameaças - que lhe imponha um limite ético, a necessidade de uma via participativa democrática se esvai, resultando no atual cenário de retrocessos sociais e perdas de direitos, que geram tensões e recrudescimento nos processos democráticos ao longo do mundo.

Na atualidade, o elemento discursivo apolítico contribui para uma narrativa hegemônica do capital neoliberal, da eficiência produtiva, da técnica sobre as esferas do mundo da vida,acentuando as desigualdades e deslegitimando a política como via possível para a resolução das tensões sociais que, levadas ao extremo culminariam em um novo modelo, criando mecanismos alienantes que mascaram as estruturas dominantes gerando, dentre outras distorções, um esvaziamento do conceito de classe, que retroalimenta a dominação e uma das vias dessas maquinações relaciona-se com os usos da informação.

No campo ideológico, por sua vez, ao mesmo tempo em que as duas grandes tradições político-culturais da modernidade - a do liberalismo democrático e a do socialismo – ficam sem parâmetros de sustentação e se recolhem, intimidadas ou ressabiadas, projeta-se um novo credo centrado no indivíduo aquisitivo, na hipervalorização do mercado e do econômico, no cidadão como consumidor. O jogo das ideias tende a promover o rebaixamento dos valores públicos, a pragmatização da política, a sua conservação em política de interesses, o predomínio quase sufocante de lógicas de poder na competição política, é um novo credo que encontra adequada expressão no neoliberalismo, ou seja, numa versão do liberalismo obsessivamente concentrada na defesa da “liberdade econômica”, despida, portanto da grandeza ética da liberdade política. [...] Estamos assistindo a um complicado processo de desgaste. Pode parecer paradoxal, mas a política perde fôlego na exata proporção em que se espetaculariza, converte-se em show, em algo a ser consumido como um produto qualquer, ou seja, em que vai sendo digerida pelo mundo da mídia eletrônica (NOGUEIRA, 2001, p. 21)

Vê-se aqui, mais uma vez, a utilização da informação para dominar, sendo operada tal dominação nos âmbitos, culturais, religiosos e educacionais esses discursos que conferem poder ao sujeito mediante o “sucesso” material e a aquisição de bens de consumo, cria o ilusório sentimento de pertencimento das classes subjugadas, uma vez que o acesso ao consumo apenas reforça as condições de expropriação do trabalho pelo capital, não alterando a condição de exploração do trabalho. Esta se alteraria pela tomada de consciência, e pelo exercício político participativo, todavia, a retórica presente na informação produzida e disseminada cotidianamente afasta o homem de uma *Práxis* democrática.

O cidadão confuso, entediado com o roteiro e empanturrado de informação que não consegue decifrar, foge da política. Ou daquilo que dizem ser

política. [...] O progresso e a barbárie coexistem e se misturam, nos assustando e confundindo. A mundialização estimula a irrupção do fanatismo nacionalista, a nova economia convive com a exploração de crianças, os avanços da engenharia genética se fazem lado a lado com a corrupção. A vida ficou mais violenta, ainda que a civilização tenha se reforçado (NOGUEIRA, 2001, p. 21).

É a partir dessa compreensão que se pretende conduzir as discussões acerca da Competência em Informação, os espaços de disputa e de agenciamentos operados na informação que é disseminada cotidianamente propiciando, na sociedade do século XXI, prevalência da lógica do capital que opera engendrando a razão instrumentalizada produzindo uma sujeição ao aparelho técnico e abrindo-se para uma sociedade totalitária e orientada para a exploração do capital.

4 Fenomenografia: uma contribuição crítica à competência em informação

A fenomenografia surge de pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores Marton e Säljö (1976) e Svensson (1977), com estudantes do ensino superior em Gotemburgo, Suécia, momento em que os alunos foram convidados a lerem artigos acadêmicos e responderem posteriormente perguntas sobre estes artigos. As respostas obtidas em relação a uma pergunta genérica sobre o assunto abordado pelo autor mostraram níveis qualitativamente diferentes de compreensão. Ao passo que uma análise das descrições dos alunos acerca do envolvimento que tiveram com a tarefa, produziu uma distinção entre abordagens profundas e superficiais da aprendizagem, resultado que influenciou de forma determinante a pesquisa e seus trabalhos subsequentes.

A fenomenografia procura explorar essas diferentes noções ou estruturas de consciência que as pessoas constituem do mundo a partir de suas experiências. Pelo método fenomenográfico, visa-se mapear as diferentes formas (experiências, conceitos, percepções e compreensões) com as quais as pessoas lidam com as variadas dimensões de um fenômeno dentro de um contexto específico, privilegiando no processo de pesquisa as perspectivas do pesquisado ao invés da visão *a priori* do pesquisador.

Um fenômeno, na fenomenografia, é definido como a combinação de diferentes maneiras pelas quais um aspecto do mundo é concebido ou experimentado, enquanto cada experiência diferente, ou concepção, é descrito como uma relação entre indivíduos e algum "objeto" com o qual eles interagem (BRUCE, 1999, p. 35, tradução nossa).

Bruce (1997) traz um elemento novo na discussão da Competência em Informação com sua tese *Information Literacy: a phenomenography*. Inaugura uma percepção da Competência em Informação como fenômeno, instanciando a discussão em sete concepções: tecnologia da informação, fontes de informação, processo de informação, controle da informação, construção do conhecimento, extensão do conhecimento, concepção de inteligência.

Assim, cada uma das sete maneiras de experimentar a Competência em Informação representa, diferentes maneiras pelas quais as pessoas interagem com a informação; as sete experiências diferentes, em conjunto, representam o "fenômeno" da Competência em Informação (BRUCE, 1999, p. 35, tradução nossa).

A associação da Competência em Informação com a Fenomenografia amplia seu leque de atuação na mediação Indivíduo e Informação, ao passo em que, a sociedade e sua interação com a informação vão se complexificando, novas dinâmicas sociais impõem um nível de especialização constante aos sujeitos no uso cotidiano da informação, especialmente após as tecnologias digitais da informação. A possibilidade de um programa de Competência em Informação, que considere a relação Indivíduo e Informação de forma transversal, perpassando-a por sete concepções presentes na formação de indivíduos interagentes com a informação, que vislumbre a possibilidade de aplicarem-se tais concepções para além dos espaços formais de ensino (escolas, universidades, bibliotecas etc.), possível a partir dessas inter-relações observadas entre Fenomenografia e Competência em Informação, na perspectiva de Bruce (1999), constituem contribuição salutar ao campo de pesquisa.

A Competência em Informação é sobre a capacidade das pessoas operarem de forma eficaz em uma sociedade da informação. Isso envolve pensamento crítico, uma consciência ética pessoal e profissional. [...] Até o momento, usando a abordagem de pesquisa fenomenográfica, foram disponibilizadas descrições qualitativas das sete concepções nas quais a Competência em Informação é vivenciada (BRUCE, 1999, p. 46, tradução nossa).

A abordagem Fenomenográfica é dialógica e relacional, o mundo de que se ocupa esse método é dialógico, um mundo que é experiência viva dos indivíduos que o integram. Sendo assim, o objeto de estudo está instado no aspecto relacional e dialógico existente entre o sujeito e a sua vivência com o fenômeno, neste caso, a informação na sociedade do consumo.

A fenomenografia não objetiva as leis gerais de pensamento aplicáveis em quaisquer situações. No entanto, antes no método fenomenográfico o pensamento é mensurável pelo que é percebido e a pesquisa não se desvincula do pensamento. A busca é por uma exploração

do fenômeno que possibilite sua ordenação em categorias conceituais. Tais construções categóricas, descrevem o número de formas diferentes em que um fenômeno pode ser descrito e compreendido. Esta abordagem baseia-se numa tradição positivista, behaviorista.

O interesse da fenomenografia em explorar os padrões de variações das formas de experimentar o fenômeno difere dos esforços de descrever a competência informacional como um conjunto genérico de habilidades aplicável em qualquer situação independentemente do contexto (MANHIQUE, CASARIN, 2018, p. 755).

Nesse sentido, a fenomenografia investiga o alcance dos significados acerca de um fenômeno dentro de um grupo mais do que focaliza o alcance dos significados individuais dentro de um grupo (MANHIQUE, CASARIN, 2018).

A complexificação entre informação e sociedade, no entanto, não pode ser confundida com emancipação dos sujeitos e superação do modelo econômico hegemônico – Capitalismo –, ao contrário, esse cenário opera na manutenção da racionalização monetária e pragmática servindo como mais uma via de alienação da classe subjugada. Desta forma, a ampliação de possibilidades, acima mencionadas, para a Competência em Informação associada a Fenomenografia se dá no contexto da sociedade do consumo, orientada pelo capital.

5 Competência em informação e o método cartográfico

A escolha pelo método cartográfico não é aleatória, uma vez que se defende nesse artigo a Competência em Informação como *Práxis – Práxis* no sentido de ligação entre o saber teórico e a atividade humana, numa abordagem crítica ao avanço da racionalidade técnica sobre o Mundo da Vida, com vistas a uma nova mediação entre saber científico e *Práxis* social. Propor que a Ciência da Informação, através da Competência em informação, valha-se desse instrumental para o desenvolvimento crítico, requer defender que a Competência em Informação reúne as condições para mediar o processo informativo, mapeando a multiplicidade de redes que se estabelecem em permanente movimento, capaz de perceber as alterações nas relações de força e poder que operam na instância informativa, tratando o indivíduo como sujeito de direito e a informação como instrumento de emancipação. A cartografia deve ser entendida como um método segundo o qual toda pesquisa tem uma direção clínico-política e toda a prática clínica é, por sua vez, intervenção geradora de conhecimento.

Assim, a cartografia social aqui descrita liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. Não se

refere a método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 47).

A Competência em Informação intenta formar indivíduos interagentes com a informação, numa perspectiva que os permita, autonomamente, reconhecerem as adequadas fontes, as convenções da organização do conhecimento, os fluxos informacionais, as estratégias de recuperação da informação aplicadas em ambiente web, “[...] um conjunto integrado de habilidades (estratégias de pesquisa e avaliação), conhecimentos de ferramentas e recursos, desenvolvidos a partir de determinadas atitudes” (DUDZIAK, 2003, p. 25). Intenção formativa, muito aproximada da definição consagrada pela ALA - *American Library Association* de 1989, que entende a Competência em Informação como um conjunto de habilidades desenvolvidas pelos sujeitos para a utilização da informação:

Para ser competente em informação, a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação [...]. Em suma, as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontram a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989, tradução nossa).

Por meio de tais habilidades, apenas, é possível avançar-se para uma formação que emancipe sujeitos? É possível pensar novas formas de relacionar-se com a informação, percebendo que a hegemonia dos meios, dinheiro e poder, sobre o Mundo da Vida não é algo naturalmente dado, mas, que esta por meio dos engendramentos e maquinações operadas na Sociedade da Informação, enredado por uma visão reducionista e orientada pelo Capital? A sociedade do século XXI, hiperconectada e efêmera, relaciona-se de modo marcadamente pragmático orientada para a satisfação de interesses de consumo, pois apenas o que há é “[...] uma cultura capitalística que permeia todos os campos de expressão semiótica” (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 23).

Pelo método cartográfico, percebe-se uma possibilidade de superação dessa visão homogeneizante introduzida pelo capitalismo e agudada pelo neoliberalismo enredando-nos em uma retórica de maneira massiva e incessante, uma vez que tais meios são controlados pelo capital.

A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a

relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro- em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 42).

Dentro dos limites da Ciência da Informação, percebe-se na Competência em Informação associada ao Método Cartográfico a possibilidade de mediação da informação numa perspectiva crítica e implicante de transformação, propositiva da realidade e atenta a seus processos construtivos, numa constituição do caminho que se constitui no caminho,

Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos (PASSOS; BARROS, 2009, p. 30).

Desta forma, apresenta-se a Competência em Informação com base na Cartografia, não como uma superação da perspectiva técnica e instrumental ou como uma panacéia capaz de remediar todos os males, mas sim como um método capaz de se apropriar de movimentos de subjetividade, capazes de construir efetiva emancipação dos indivíduos interagentes com a informação, compreende-se ser essa a novidade de uma abordagem que se ocupe dos entremeios, dos fluxos e influxos da informação.

A construção do conhecimento se distingue de um progressivo domínio do campo de investigação e dos materiais que nele circulam. Trata-se, em certa medida, de obedecer às exigências da matéria e de se deixar atentamente guiar, acatando o ritmo e acompanhando a dinâmica do processo em questão. Nesta política cognitiva, a matéria não é mero suporte passivo de um movimento de produção por parte do pesquisador. Ela não se submete ao domínio, mas expõe veios que devem ser seguidos e oferece resistência à ação humana. Mais que domínio, o conhecimento surge como composição (KASTRUP, 2009, p. 49).

O ponto de vista proposto por Kastrup (2009) satisfaz, enquanto explicação desse lugar em que se instanciam as confluências entre Competência em Informação e Método Cartográfico, em que pretende-se menos dominar um conjunto de técnicas e habilidades de uso da informação e mais acompanhar seus movimentos, enxergando intencionalidades, agenciamentos maquínicos e admitindo “[...] que cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma, certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também místicas, rituais, sintomatológicas” (GUATTARI, 1992, p. 21), apreendendo via Competência em Informação com base na Cartografia esses movimentos

e produzindo um permanente desenho dessas relações de força, numa espécie de Cartografia ao longo da vida.

6 Conclusões

Na atualidade uma das vias de dominação ocorre pelo enfraquecimento das consciências, em especial a consciência de classe, dado os agenciamentos operados pelo capital que, cada vez mais, atenua a possibilidade de geração de tensões transformadoras que subvertam o sistema.

No século passado, as tecituras mundiais impuseram ao capital a necessidade de diálogo com o Estado, como força moderadora, concebendo o Estado de Bem Estar Social; já na sociedade contemporânea o discurso hegemônico do capital neoliberal não lhe apresenta adversários e oposições, assim as negociações com o Estado para uma regulação minimamente distributiva e compensatória, se rarefazem tornando a Democracia frágil conceito, submisso aos ânimos do mercado e cooptado por ele, sempre que identificada como um entrave, como ocorreu no caso brasileiro via golpe jurídico parlamentar de 2016, que inaugurou o “[...] fenômeno da substituição do poder votado por algum tipo de poder arbitrado, fora da arena eleitoral” (SANTOS, 2017, p. 12).

O neoliberalismo instrumentaliza consciências por meio de agenciamentos, que se engendram na vida cotidiana das pessoas – na sociedade contemporânea hiperconectada, esse agenciamento ocorre por meio das redes sociais digitais e conglomerados midiáticos detentores dos meios de comunicação – que ditam o fluxo de informações, geram as demandas de consumo de conteúdo, monitoram as audiências e seu engajamento. Maquinações orquestradas por operações binárias, que homogeneízam experiências e produzem um esvaziamento sociocultural, à medida que as relações são ordinariamente orientadas para o consumo sem o questionamento da manutenção da dominação ancorada numa estrutura de alijamento de direitos e pauperização que não se caracteriza com exploração, dado o enfraquecimento das consciências de classe e também, porque o sistema do capital neoliberal, já não depende do trabalho para sua existência.

Objetivou-se apresentar a Competência em Informação como *Práxis* e o Método Cartográfico como possibilidade para a construção de uma abordagem crítica que possibilite aos indivíduos interagirem com a informação numa tomada de consciência que os levem a superação da visão hegemônica do capital sobre as esferas do Mundo da Vida. Resgatando a construção fenomenográfica proposta por Bruce (1997), a Competência em Informação é experienciada como prática de maneiras particulares, ao invés de dominar habilidades ou conhecimento, que pode ter um efeito efêmero, propõe uma experiência de uso efetivo da

informação de maneiras novas e cada vez mais complexa. A partir dessa construção, vislumbra-se a potencialidade de associação entre os domínios da Competência em Informação e da Cartografia permitindo uma *Práxis* que contribua para a superação da posição de sujeição dos indivíduos a informação e passa-se a compreendê-la como informação rizomática.

Rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. [...] unicamente definido por uma circulação de estados [...] todo tipo de "devires" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32).

Será na reorientação das forças informacionais, desverticalizando a relação com a informação e promovendo a horizontalidade como a mesma, por via associativa e transversal, numa perspectiva cartográfica que propiciará a Competência em Informação a colocar-se em outros termos na problemática da emancipação na sociedade do século XXI pela via informacional.

Referências

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Report of the presidential committee on information literacy:** final report. Chicago, 1989. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential> Acesso em: 27 abr. 2020.

BRUCE, Christine Susan. **Information literacy:** a phenomenography. 1996. Thesis (Doctor of Philosophy) - University of New England, 1996.

BRUCE, Christine Susan. Workplace experiences of information literacy. **International Journal of Information Management**, v. 19, n. 1, p. 33-47, 1999. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0268401298000450> Acesso em: 27 abr. 2020

CAMPHELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da informação**, v. 32, n. 3, p. 28-37, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19021> Acesso em: 27 abr. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, p. 23-35, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652003000100003&script=sci_arttext&tIng=es Acesso em: 27 abr. 2020.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1987.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima. **Information literacy**: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior. 2002. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/722/1/mariahelena2002.pdf> Acesso em: 27 abr. 2020.

MANHIQUE, Ilídio Lobato Ernesto; CASARIN, Helen de Castro Silva. Estrutura intelectual dos estudos da competência informacional na perspectiva fenomenográfica: uma análise por meio da citação e cocitação. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 11, n. 3, p. 751-768, 2018.

MARTON, Ference; SÄLJÖ, Roger. On qualitative differences in learning. I. Outcome and process. **British Journal of Educational Psychology**, v. 46, n.1, p.4-11, 1976. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1977-00401-001> Acesso em: 27 abr. 2020.

MIRANDA, Jair Martins de. **Samba global**: o devir-mundo do Samba e a potência do carnaval do Rio de Janeiro – análise das redes e conexões do samba no mundo, a partir do método da cartografia e da produção rizomática do conhecimento. Orientador Giuseppe Cocco, 2015. 360f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/963> Acesso em: 27 abr. 2020.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000. Disponível em: <http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2012133176826a1035842e1211faee999/setesaberesmorin.pdf.pdf> Acesso em: 27 abr. 2020.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Em defesa da política**. São Paulo, Senac, 2001.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, v. 2, 2014. Disponível em: <https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/652.pdf> Acesso em: 27 abr. 2020.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A Cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n38/n38a04.pdf> Acesso em: 27 abr. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português. **Análise Social**, Coimbra, v. 21, n. 87-89, 1985, p. 869-901. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/10834> Acesso em: 27 abr. 2020.

SVENSSON, Lennart. On qualitative differences in learning. III - Study skill and learning. **British Journal of Educational Psychology**, v. 47, p. 233-243, 1977. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1979-07203-001> Acesso em: 27 abr. 2020.

WANDERLEY, Guilherme. **A democracia impedida: o Brasil no século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2017.